



# O COMPROMETIMENTO DE PAIS E MÃES DE ALUNOS PARA O DESENVOLVIMENTO DO TRABALHO DOS PROFESSORES NA SALA DE RECURSOS MULTIFUNCAIONAIS

## THE COMMITMENT OF STUDENTS' FATHERS AND MOTHERS TO THE DEVELOPMENT OF TEACHERS' WORK IN THE MULTIFUNCTIONAL RESOURCE ROOM

### ARTIGO

**Osni Oliveira Noberto da Silva<sup>i</sup>**  
Universidade do Estado da Bahia  
E-mail: [osni\\_edfisica@yahoo.com.br](mailto:osni_edfisica@yahoo.com.br)

Editor deste número da RECS:  
Dr. João Batista Lopes da Silva  
Universidade do Estado de Mato Grosso  
e-mail: [revistaedu@unemat.br](mailto:revistaedu@unemat.br)

### RESUMO:

O objetivo do presente artigo foi analisar o comprometimento dos pais e mães de alunos do Atendimento Educacional Especializado, com o trabalho desenvolvido nas Salas de Recursos Multifuncionais. Trinta e seis professores aceitaram participar da pesquisa realizada através de uma entrevista com roteiro semiestruturado. De forma resumida podemos analisar, através dos dados obtidos nas entrevistas, que a relação dos professores de AEE que atuam nas SRM com os familiares de seus alunos ainda apresenta alguns desafios que precisam ser enfrentados. Ainda que uma parte considerável dos entrevistados classifique essa relação como satisfatória, ainda existem alguns entraves, principalmente em relação a falta de esclarecimento acerca do trabalho desenvolvido na Sala de Recursos Multifuncionais e o pouco comprometimento de alguns familiares sobre o desenvolvimento educacional de seus filhos.

**Descritores:** Atendimento Educacional Especializado; Salas de recursos multifuncionais; Trabalho Docente.

### ABSTRACT:

*The objective of this article was to analyze the commitment of fathers and mothers of students in Specialized Educational Services, with the work carried out in the Multifunctional Resource Rooms. Thirty-six teachers agreed to participate in the research carried out through an interview with a semi-structured script. In short, we can analyze, through the data obtained in the interviews, that the relationship between AEE teachers who work in SRM and their students' families still presents some challenges that need to be faced. Although a considerable number of interviewees classify this relationship as satisfactory, there are still some obstacles, mainly in relation to the lack of clarification regarding the work carried out in the Multifunctional Resources Room and the lack of commitment from some family members regarding the educational development of their children.*

**Descriptors:** Specialized Educational Service; Multifunction resource rooms; Teaching work.

## 1 INTRODUÇÃO

Com o advento do paradigma da inclusão nas políticas públicas educacionais brasileiras, a partir de meados dos anos 90 do século XX, os alunos com deficiência puderam ter o seu direito p<sup>o</sup>treo a educação não só garantido, mas cada vez mais materializado no dia a dia.

O paradigma da inclusão tem como uma de suas premissas básicas que a escola possa ser um local em que todas as crianças consigam de desenvolver do ponto de vista socioeducativo, sem que para isso a deficiência ou necessidade educacional especial possa ser impeditivo para este desenvolvimento. Neste caso, a escola nos moldes atuais precisa ser reinventada, tanto do ponto de vista da sua estrutura física e material, quanto no que se refere a formação dos professores e funcionários, flexibilidade do currículo e maior apoio e participação da comunidade escolar extramuros.

Um dos principais elementos de apoio a inclusão na escola regular é o Atendimento Educacional Especializado (AEE), serviço executado por professores com formação em Educação Especial e que visa complementar e/ou suplementar o aprendizado que o aluno com deficiência e/ou necessidades educacionais especiais obtém na sala de aula regular da escola. Assim, o AEE tem como prerrogativa funcionar no turno oposto, em um espaço próprio dentro da escola conhecido como Sala de Recursos Multifuncionais (SRM) que é um ambiente munido de materiais, mobiliários e ferramentas que o professor de Educação Especial deverá usar de acordo com a condição especial de cada um dos alunos.

Como já sinalizado anteriormente, o trabalho realizado pelo docente nas SRM para a materialização da inclusão escolar precisa ter o apoio incondicional dos familiares dos alunos, promovendo a articulação entre escola e família, já que como explicado por Cunha (2011) “A escola está inserida na educação entre a família e a sociedade, pois é onde se adquirem princípios e regras estabelecidas para o convívio” (p. 1).

Porém, esse diálogo muitas vezes não é feito de forma satisfatória, muito por conta da própria cultura familiar de distanciamento quanto das escolas que muitas vezes não promovem momentos que estimulem essa parceria, como explicado por Lima e Cupolillo (2006):

A falta de diálogo na escola se estende também às famílias das crianças, que não podem expressar suas opiniões sobre o desenvolvimento de seus filhos nem contribuir para a proposta de educação escolar, já que a escola não cria uma posição dialógica com a família do aluno, por entender que suas opiniões são destituídas de caráter científico e que têm uma emocionalidade envolvida, objeto este que não deve interferir em uma avaliação do aluno, pois ainda prevalece o caráter positivista de neutralidade. (p. 271-272).

Autores como Ribeiro (2017) e Oliveira Júnior, Ferreira e Coimbra (2016) afirmam que a dificuldade ou até a completa falta de afetividade por parte do pai e da mãe pode resultar em influência negativa para o processo de aprendizagem e consequente desenvolvimento social e educacional de seus filhos.

Essa é uma opinião também partilhada por Amorim (2012, p. 5) para quem afirma que (...) a família tem a função de preparar o emocional da criança, principalmente nos primeiros anos escolares, pois o meio familiar em que a criança está inserida é o seu primeiro ambiente de aprendizagem.

No caso das crianças com deficiência e/ou necessidades educacionais especiais, a superproteção dos pais também traz consequências, pois ainda que haja a melhor das intenções em proteger o filho de toda a discriminação que existe nos diversos espaços sociais, acaba por dificultar que esse jovem possa ter uma interação social com outras pessoas além de seus familiares, o que pode gerar a longo prazo prejuízos futuros, como descrito por Rosa et al (2018, p. 112):

(...) há uma falta de interação desses jovens para com as outras pessoas, podendo resultar, entre outras possibilidades, em uma defasagem no convívio social e dar viés para a vergonha ou timidez excessiva, não aceitação da autoimagem, além de ser um dos motivos para desenvolver transtornos psicológicos, tais como a depressão e ansiedade.

Atualmente já existe na literatura acadêmica uma grande quantidade de produções que tratam sobre o trabalho docente no atendimento educacional especializado (Silva; Miranda; Bordas, 2019a E 2019b; Araújo, et al 2019). Entretanto são escassos os estudos que tratam da importância dos pais e mães dos alunos que frequentam o AEE.

Por conta de tudo que foi apresentado até agora, acreditamos que o presente artigo se justifica à medida que busca trazer elementos acadêmicos novos a partir do seguinte objetivo de pesquisa: analisar o comprometimento dos pais e mães de alunos do Atendimento Educacional Especializado, com o trabalho desenvolvido nas Salas de Recursos Multifuncionais.

## **2 METODOLOGIA**

Para o desenvolvimento metodológico desta pesquisa foi utilizado como instrumento de coleta de dados, uma entrevista com roteiro com questões abertas, sem alternativas de respostas pré-definidas, o que permitiu aos sujeitos dissertarem de forma mais detalhada sobre suas opiniões, pensamentos, sentimentos etc., procedimento corroborado por Macedo (2004, p. 165)

De fato, a entrevista é um rico e pertinente recurso metodológico na apreensão de sentidos e significados e na compreensão das realidades humanas, na medida em que toma como premissa irremediável que o real é sempre resultante de uma conceituação; o mundo é aquilo que pode ser dito, é um conjunto ordenado de tudo que tem nome, e as coisas existem através das denominações que lhes são emprestadas (Macedo, 2004, p. 165).

Os sujeitos entrevistados foram 36 professores, sendo 35 do sexo feminino e um do sexo masculino, que atuavam com o Atendimento Educacional Especializado, nas salas de recursos multifuncionais de escolas urbanas e rurais das redes municipais dos nove municípios que integram a região do estado da Bahia chamado Piemonte da Diamantina.

Para que a coleta dos dados interferisse o mínimo possível na rotina dos professores, as entrevistas foram gravadas em um local reservado, a fim de evitar que houvesse interrupções ou exposição indesejada do entrevistado.

Além disso, a identidade dos sujeitos foi mantida em segredo e a todos foi entregue um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que entre outras coisas, autoriza a divulgação do conteúdo das gravações para fins estritamente acadêmicos.

O projeto de investigação ao qual este artigo está vinculado, foi submetida ao comitê de ética da Universidade do Estado da Bahia (CEP/UNEB), sob protocolo nº 79862917.6.0000.0057 e aprovado pelo parecer nº 2532.689.

A análise dos dados ocorreu através da técnica da Hermenêutica Objetiva, técnica que considera que não existe apenas uma interpretação objetiva de um texto, mas que pode haver várias interpretações, de modo que sua qualidade pode ser mensurada através da sua coerência entre a compreensão prévia dos pesquisadores e a sua capacidade de dar sentido ao material analisado.

Os dados apresentados neste artigo são parte de pesquisa de Doutorado desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação (FACED) da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e financiada através do Programa de Apoio à Capacitação de Docentes da Universidade do Estado da Bahia (UNEB/PAC-DT).

## **3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DE DADOS**

Neste tópico são apresentados os dados coletados das entrevistas com os 36 professores, sendo que seus nomes foram substituídos pela ordem em que as entrevistas foram feitas (Docente 01, Docente 02, Docente 03 etc).

O foco se concentra na relação dos professores da SRM com os pais de seus alunos de AEE. Segundo a opinião de onze docentes, a relação pode ser entendida como satisfatória. Desses, seis professores deixaram claro em suas falas que existe uma atitude pró ativa dos pais e mães dos alunos no que diz respeito ao desenvolvimento dos seus filhos:

*No dia a dia eles chegam, cumprem o horário, muitos as vezes atrasam no horário, chega tá atendendo. As vezes assim fica meio que apressados, mas na maioria das vezes assim nas reuniões, nos eventos que a gente promove, com a família, eles participam de forma bem satisfatória, são bastante atuantes. A maioria é realmente atuante e percebe a importância desse trabalho na vida do filho. Eles gostam demais e valorizam muito o trabalho daqui muito, muito, muito mesmo. Não é balela não, é verdade, valorizam muito (DOCENTE 06).*

*Acho as mães contribuem muito, pois sempre elas vêm as reuniões, sempre falando o que deu certo, o que não deu certo. E elas estão sempre aqui (DOCENTE 10).*

*Lá os pais são bem participativos. E como eu sou da própria localidade, nós temos uma aproximação, eu sempre estou na casa deles orientando. Eles também vêm a escola para as reuniões, estão participando. Nós somos bem unidos assim, eu os pais e os alunos (DOCENTE 13).*

*Apesar que todos são frequentes os pais costumam vir procurar saber sobre o desenvolvimento do filho, acompanhar, mas o trabalho assim sistemático com os pais é só em momentos pontuais, algumas datas, momentos pontuais em reuniões, mas eles estão sempre presentes (DOCENTE 16).*

*É o que mais motiva a gente, fortalece mesmo, é a participação dos pais. Os pais são muito empenhados, muito comprometidos. Tem mães que não conseguem sair da sala, porque o filho tem aquela dificuldade de se libertar da mãe, mas eles são muito maravilhosos. Eles incentivam a gente, eles motivam a gente a vir pra cá, com um sorriso, uma alegria, é uma benção. Encontra a gente na rua, vem falar com a gente, vem falar do filho, vem falar da saúde. Acho que uma das coisas mais maravilhosas que tem (DOCENTE 18).*

*Eles participam muito bem, e ajudam no que é necessário acompanha na sala de aula, acompanha levando até no médico também, tudo que está disposto a ajudar (DOCENTE 28).*

Já os outros cinco professores também elogiaram os familiares pela presença constante destes nas reuniões quando são convocados:

*Eles deixam a criança e depois vem buscar, mas eles participam, quando são convidados eles tão em peso. Questão de família não tem problema nenhum, são muito participativos (DOCENTE 08).*

*Eles participam, ficam numa escola ao lado, só que eu chamo pra que eles participem, aprendam também pra fazer em casa. Tem materiais que eu acabo fazendo e acabo doando pra eles (DOCENTE 19).*

*Eles entregam o menino no horário e a final da aula vem buscar. Alguns alunos têm autonomia e vão pra casa sozinhos. A frequência é 100%. Até porque a gente não conseguiria fazer um bom trabalho sem o apoio da família. É mais que necessário (DOCENTE 21).*

*No início do ano a gente faz reunião com os pais, pra apresentar a proposta porque sempre chegam alunos novos. Nessas falas a gente vai tentando falar pros pais a importância do atendimento, pra que os próprios pais enviem seus filhos pra eles serem atendidos (DOCENTE 24).*

*Se marcar uma reunião eles vêm. Se houver necessidade e chamar eles estão aqui dispostos a me ajudar no que precisar. Eles têm boa vontade*

(DOCENTE 26).

É notória a importância da parceria dos pais e mães com os docentes de Atendimento Educacional Especializado, por conta da melhora no desenvolvimento dos alunos que frequentam a Sala de Recursos Multifuncionais, haja vista que todo o processo de preparação, deslocamento e continuidade do atendimento desses alunos, depende de seus respectivos familiares ou responsáveis diretos.

De acordo com quatro docentes (Docentes 25, 27, 31 e 35) é perceptível a existência de um melhor desenvolvimento dos alunos de AEE que são apoiados pelos seus familiares:

*Uma das dificuldades que eu acho é essa, a participação dos pais. Em minha opinião, a maioria das pessoas com deficiência que conseguem obter sucesso, depende da ajuda dos pais, que estejam ali com eles, acompanhando. Os pais estarem em contato com a escola o tempo todo, com os professores do AEE, com os professores do regular (DOCENTE 25).*

*A gente vê que, quando esse acompanhamento existe, ele acontece num todo, como em casa, como na sala regular, a gente vê que ele sobressai. E quando você vê que aquele aluno o pai leva se der certo, você vê que aluno realmente não avança. Ele fica um aluno desacreditado até da família mesmo, até dele mesmo, com a auto estima lá em baixo. Esses casos são os mais difíceis e precisam de atenção (DOCENTE 27).*

*Se os pais tivessem uma visão de que fosse importante, não deixavam os meninos desistirem, não deixavam os meninos faltarem muito. Eles consideram importante, mas nem tanto. Existem pais que vão no ministério público, que cobram da gente um bom desempenho com os filhos. Se os pais tivessem essa visão, da importância, o município teria crescido mais. E eu nem diria por falta de conhecimento, eu diria por comodismo (DOCENTE 31).*

*Eu esse ano tô com 10 alunos e no início do ano letivo eu fiz uma reunião pra falar sobre a importância do AEE e pedir o apoio deles. E veio só 4 pais. Então a gente vê que falta interesse por parte também dos pais. Os próprios pais eu acho que eles desacreditam seus filhos. A gente vê assim que aqueles pais que se interessam pelos seus filhos, a gente percebe que o filho consegue ter um avanço. E os pais que não tem interesse, os alunos faltam muito e as vezes eu vou na casa dos pais, porque se ele não ir a gente tem que ceder o horário dele porque tem mais pessoas (DOCENTE 35).*

Segundo alguns autores como Paniagua e Palácios (2007) os familiares dos alunos das Salas de Recursos Multifuncionais que mantem o compromisso de participar ativamente da vida escolar deles, entendem melhor suas necessidades, desafios e como superá-los. Deste modo, podem trazer aos docentes informações importantes sobre comportamentos e preferências de seus filhos, porque contribui com a potencialização do atendimento.

Já para três professores, o AEE foi um importante elemento de aperfeiçoamento pessoal e aprendizado para os próprios familiares:

*Lá eles são ativos, participativos, preocupados. No início agente tem relato dos pais que diziam: “esse menino não vai aprender nunca!”, “isso aí só tá perdendo tempo!”. E com o tempo, até num processo simples de alfabetização, o pai as vezes analfabeto, mas do lado do filho, aprende filho e pai junto. Já teve pessoas que aprenderam, teve uma mãe que disse que aprendeu a escrever o nome dela lá. Então a gente fez de tudo, juntar família, com escola, nesse processo e tudo mudou. E eles relatam isso de forma bem clara a qualquer pessoa que chegar (DOCENTE 12).*

*Toda vez que a gente solicita as mães estão presentes entendeu? E outras vem buscar informações, outras chegam aqui já com aquela cara assim vamos considerar de espanto. E uma relatou por exemplo semana passada*

*que já ouviu tanto não, tanto não as escolas, nas clínicas que elas já chegam aqui assustadas e aí a gente fala “não mãe senta” conversa aí ela fica mais livre e solta, mas assim é muito relativo, cada caso é um caso, cada mãe e uma mãe, cada família é uma família, elas choram aqui, da própria mãe, se sentir acolhida, informada. Até o ano passado nos tivemos mães aqui da zona rural que não tinha conhecimento que o menino tinha direito ao BPC<sup>1</sup>, não mãe ele tem por isso nos encaminhamos e ocorria que o BPC foi conquistado, é falta muita informação por parte das mães (DOCENTE 32).*

*Quando chega o pai que tem o aluno com deficiência intelectual por exemplo, ele deixa o aluno, muitas vezes ele aguarda, ele participa mais das reuniões, ele pergunta mais sobre o aluno, e no AEE a gente abre um espaço interessante. A gente abre um curso pra família, todas as famílias são comunicadas, que o pai, a mãe, o primo, a irmã, alguém que tenha interesse que venha até o AEE pra que aprenda LIBRAS pra que o aluno não aprenda de maneira isolada. Porque o que que acontece, ele aprende um vocabulário aqui no AEE, quando chega em casa ele não tem com quem usar, quando chega na escola não tem com quem usar, com os vizinhos, fica sem usar e volta ao ciclo zero de novo. Porque ele é o único ser diferente que usa aquela língua, porque não existe essa construção familiar, embora não falte incentivo, porque a família ela não tem consciência de que ela aprender o idioma é necessário para o aluno (DOCENTE 34)*

É notório nos textos que o trabalho realizado na SRM também proporciona importantes aprendizados para os familiares, sendo em alguns casos um momento de esquecer os problemas e passam a se sentir mais acolhidos por contar com um professor que está lá para ajudar seus filhos.

Entretanto, essa não é a única realidade, já que outros professores entrevistados reclamaram da relação que possuem com os familiares dos seus alunos na SRM. A primeira queixa é referente à fala de limites dos alunos em casa e que invariavelmente são transpostos para o horário de atendimento, como citado a seguir:

*Acho que eles têm pouca educação doméstica, na parte de ensinar os alunos qual são os seus limites. E eles deixam todos os limites, todos os momentos da vida dele pra o professor do AEE. Agente tem que educar, a gente tem que ser professor, a gente tem que ser mãe, tem que ser psicóloga, tem que ser psiquiatra, tem que ser tudo desses alunos. Porque eles chegam aqui e saem outros alunos. Mais com esse problema todo agente tem a participação dos pais, porque a gente ainda dá treinamento a eles, como lidar com ele em casa, pra que no futuro sejam grandes cidadãos, que sejam pessoas que vão conviver com outros na sociedade (DOCENTE 05)*

*Nós temos alunos que acaba tendo essa necessidade de o pai ficar. Temos duas mães que ficam pra me ajudar. Uma porque a criança tem paralisia cerebral e outra que a criança é autista. Mas as outras não ficam por questão minha, porque não tem necessidade, mas tem acesso a sala. Porque o comportamento deles varia com a presença dos pais, a disponibilidade pra certas atividades. Temos alunos que tem aquela questão do dengo, da manhã e com a presença dos pais dificulta um pouco (DOCENTE 07).*

*Agora a gente já conseguiu alguns avanços, a grande maioria deixa o menino e quando o passa o horário eles vêm e pegam. Quando o aluno tá com pai ele fica assim... o aluno precisa de certos limites e a gente precisa estabelecer. Se a família fica nesse momento conosco inicialmente até pra ele se adaptar é interessante, mas no trabalho diário eu não acho uma coisa boa o pai ou a mãe ficar conosco não. Eu prefiro trabalhar só com o aluno (DOCENTE 20).*

---

<sup>1</sup> O Benefício da Prestação Continuada é um auxílio previsto na Lei da Assistência Social, no valor de um salário mínimo mensal a idosos ou pessoas com deficiência.

*Tem que dar continuidade em casa. E muitas vezes, por que a criança é deficiente pode tudo (DOCENTE 23).*

O medo que os pais e mães tem de que seus filhos sejam discriminados, além da ideia de que ele seria uma pessoa “doente”, gera um tipo de educação permissiva em que seu mal comportamento eventual não é repreendido pelos pais, o que gera um desenvolvimento pouco ajustado e atrapalha tanto o trabalho na SRM quanto as suas próprias relações sociais futuras.

Aqui entra a segunda reclamação, que conta na fala do Docente 04, acerca do descomprometimento dos pais e mães dos alunos, muito por conta da falta de conhecimento sobre o trabalho desenvolvido nas Salas de Recursos Multifuncionais pelos professores de AEE.

*Alguns vêm frequentemente procurar como está, falar quando tem evolução. Mas tem pais que o aluno frequenta o ano todo, que vem de transporte escolar, que nós nem conhecemos. O apoio da família é primordial (DOCENTE 04).*

Já a terceira reclamação trata a falta de confiança dos familiares no trabalho do professor de AEE na SRM, como pode ser analisada através das falas dos Docentes 01, 11, 15 e 17:

*Nós entendemos que muitos problemas, percebemos que a família não consegue compreender. E muitos alunos com deficiência, no início, os pais diziam: “eles não sabem mesmo, não aprende mesmo”. E nós conseguimos fazer lá sempre rodas de conversas. Os pais são presentes, mas são carentes ainda. Acreditam que precisa de formação parental mesmo (DOCENTE 01).*

*Tem pais que não tem a conscientização. Acha que tá fazendo o melhor pro filho. Coloca no regular porem não tem aquela assiduidade de tá levando todos os dias. Acha que o filho não vai aprender. Então pra eles acho que não tem muita importância. Mas esse número é muito baixo aqui. A maioria dos pais acompanham direitinho (DOCENTE 11).*

*Outra dificuldade é a descredibilidade da família em si. Na maioria das vezes não acredita nesses sujeitos, que são seus filhos. Eles não têm aquele empenho em mandar. Nem toda família, mas tem algumas famílias que não acreditam que esse filho vá se desenvolver. Não tem um compromisso de ver seus filhos se desenvolverem (DOCENTE 15).*

*Atender que o filho é capaz de fazer as atividades. As vezes os pais têm uma barreira e quando ele vê que a gente avança e o aluno consegue, ele fica surpreso, como se dissesse “eu não sabia que meu filho é capaz de fazer e ele tá fazendo”. Então por isso eu prefiro a participação no início (DOCENTE 17).*

Essa falta de confiança também pode ter ligação com a dificuldade que muitos pais e mães têm em aceitar a condição de seu filho, como pode ser analisado nas falas dos Docentes 09, 14, 22 e 36:

*80% são participativos. A gente vê como se fosse um grito de socorro. Mas a aceitação não é fácil. Tem mãe que ainda não aceita que o filho tenha deficiência. E tem 20% que tá naquela margem, da questão social, de família, questão financeira, da educação, não consegue aceitar o aluno. Tem mãe que diz que se meu filho é especial é um coitadinho. Não pode fazer nada, blinda, cria aquela bolha ao redor dele. E quando ele vem aqui não, a gente vai adaptando (DOCENTE 09).*

*A maioria nem vem trazer. E quando tem reunião, que eu mando comunicar que tem que participar da reunião, eles mandam dizer alguma coisa, dão alguma desculpa. A participação é mínima. Digamos que 2 ou 3 pais são*

*participativos aqui na sala de AEE. Os alunos vêm sozinhos. O interesse deles também desperta no aluno. Eu tive muitos problemas com alguns pais, com preconceito com a deficiência dos filhos, alguns que chegaram a se zangar mesmo, vim pra brigar: "Porque que a senhora botou o nome do meu filho na lista? Meu filho não é doido! Pra vim pra sala de doido". Depois de um diálogo se acalmou, mas ainda continua sem trazer a criança (DOCENTE 14).*

*Muitos pais não encaminham o filho, não querem ter trabalho. Acreditam que só um médico pode avaliar e acompanhar o filho (DOCENTE 22).*

*Hoje já tive a oportunidade de conhecer várias famílias. Tem famílias que ainda continuam em luto, não aceitam a deficiência. Esse ano já foi um passo. Nossa coordenadora disse que mudou muito porque tem pais que já estão levando os filhos. A gente tem aquele diagnóstico do professor, mas não tem o diagnóstico do especialista. Então eles já tão levando os filhos (DOCENTE 36).*

Segundo Hollerweger e Catarina (2014) o sentimento de vergonha, incerteza e medo que os pais e mães tem por conta do nascimento de uma criança com deficiência no seio de sua família, que via de regra não estavam preparadas, podendo levar a apatia, fuga da realidade e até casos de depressão.

Também é possível aparecer a vergonha, pois o desejo dos pais quando geram um filho é que este seja sua extensão e quando isso não acontece, os pais podem chegar a recusar-se a ver outras pessoas. O medo pode acompanhar os pais porque o desconhecido gera esse sentimento e eles podem pensar que não haverá escolas para os filhos e que estes poderão ser rejeitados pela sociedade. Outro sentimento que pode acompanhar o medo é a incerteza do futuro da criança e deles próprios. Pode acontecer um período de depressão, após o nascimento da criança, que é quando os pais procuram fugir da realidade, apresentando apatia e vazio por causa da profundidade da dor emocional (Hollerweger; Catarina, 2014, p. 5).

Por conta disso, ao não aceitar a condição do filho, muitos familiares acabam atrasando o importante diagnóstico, o que pode implicar diretamente no desenvolvimento da criança.

Já a última reclamação, que está presente na fala dos Docentes 02, 03 e 33, é mais uma situação socioeconômica desfavorável do que culpa dos familiares, pois diz respeito a lares desfeitos e pobreza, onde mães solteiras ou avós são os únicos responsáveis pelo aluno da SRM:

*Os pais as vezes demoram de vir buscar, as vezes a gente convoca e nem todos eles podem aparecer, muitas avós criando os netos. É um problema mais econômico e social. Os que tem o BPC fluem melhor e os que não tem o BPC a dificuldade é maior. A gente percebe que antes da deficiência outros elementos maiores que se não forem sanados a gente não faz trabalho nenhum (DOCENTE 02).*

*Só tem mães, uma grande parcela separada, por conta da deficiência do menino, no meio do caminho o casamento acabou e essa mãe ficou sozinha na luta com esse filho e outros que tem dentro de casa. São mães humildes, pouco escolarizadas. A relação é muito boa. Você passa a entender o menino a partir da convivência com elas. É valiosíssima a participação, elas são amorosas, educadas, dedicadas e parceiras do professor da sala de atendimento. Se tornam parceiras, amigas. Ali elas choram, desabafam, demonstram as angústias (DOCENTE 03).*

*As mães, especialmente as mães. Os pais são mais difíceis de ir. As mães são mais ativas. As mães são mais presentes. Os pais são mais ausentes. A família que participa o desenvolvimento é bem mais. Aqueles que são mais omissos você percebe que a criança tende a avançar menos, em relação aqueles em que as mães incentivam, que levam em outro profissional. As*

*dificuldades que a gente tem frente a família com relação aos horários. Como funciona no turno oposto, as famílias acham que já é complicado demais eles ir pra escola de manhã e pro AEE de tarde. Algumas vezes a gente é privado de atender porque o pai quer que ele saia do horário da escola e seja atendido ao mesmo tempo no mesmo turno (DOCENTE 33).*

Essa triste situação, até corriqueira, de abandono paterno é mais comum do que se imagina, ainda mais quando se trata de uma criança com alguma deficiência, em que muitos pais acabam fugindo da responsabilidade, receosos com as implicações que a condição da criança pode gerar.

Autores como Vieira (2020) estudaram o assunto e perceberam que existem algumas situações que facilitam o abandono e que os danos decorrentes tinham poder de causar alterações no desenvolvimento saudável e na trajetória de vida dos filhos. Assim foi constatado a importância de implementação de “políticas públicas que contribuam para o exercício parental saudável e autodesenvolvimento humano e a conscientização do combate ao machismo para prevenir os danos subjetivos decorrentes da conduta” (Vieira, 2020, p. 10).

Já Londero et al (2021) apontam que as famílias com um filho com algum tipo de deficiência enfrentam vários desafios que afetam diretamente a adaptação familiar e as suas estratégias de enfrentamento. Os autores apontam que um trabalho precoce e integrado se mostra de extrema importância criar uma percepção positiva do filho com deficiência e ajudar no enfrentamento adaptativo. Isto porque com “esse apoio precoce, poderá se facilitar o enfrentamento do luto, da negação e a emergência do processo de reidealização e de ligação com o filho real, visto que o filho idealizado não é o que nasceu” (p. 266).

O resultado da pesquisa apresenta uma análise interessante da relação entre os professores de Atendimento Educacional Especializado (AEE) que atuam nas Salas de Recursos Multifuncionais (SRM) e os familiares de seus alunos.

O presente estudo destacou a importância da colaboração entre os professores de AEE e os familiares de alunos com necessidades especiais, que frequentam as SRM. Uma primeira observação é que, apesar de alguns desafios, uma parte considerável dos entrevistados avalia a relação como satisfatória. Isso sugere que há casos de sucesso na construção de parcerias eficazes entre os professores de AEE e os familiares, o que pode beneficiar os alunos com deficiências e necessidades especiais em sua jornada educacional.

No entanto, a pesquisa identifica obstáculos que precisam ser abordados. O primeiro deles é a falta de esclarecimento acerca do trabalho desenvolvido nas SRM. Isso pode ser resultado da falta de comunicação eficaz ou da necessidade de fornecer informações mais detalhadas aos familiares sobre como as SRM funcionam, qual é o papel dos professores de AEE e como esse suporte beneficia os alunos. Assim a comunicação clara é fundamental para criar uma base sólida para a colaboração e compreensão mútua.

Outro desafio significativo apontado é o pouco comprometimento de alguns familiares em relação ao desenvolvimento educacional de seus filhos. Esse problema é multifacetado e pode ser resultado de várias causas, como falta de consciência sobre a importância da educação inclusiva, barreiras sociais ou até mesmo desafios pessoais enfrentados pelos familiares. Abordar essa questão requer estratégias específicas para envolver os pais e responsáveis no processo educacional, garantindo assim que eles compreendam a relevância do AEE e todo seu impacto no desenvolvimento dos seus filhos.

Além disso, o estudo pode indicar a necessidade de um maior apoio à formação dos professores de AEE e à capacitação em comunicação eficaz com os familiares. A educação especial envolve desafios únicos que requerem habilidades específicas, não apenas em sala de aula, mas também na interação com os familiares. Os educadores podem se beneficiar de treinamento adicional para lidar com a complexidade dessa relação.

No geral, os resultados da pesquisa destacam a importância de fortalecer a parceria entre professores de AEE e familiares de alunos com necessidades especiais. A educação inclusiva é mais eficaz quando todos os atores envolvidos compreendem e apoiam plenamente o processo educacional. Portanto, a pesquisa fornece uma base sólida para a implementação de estratégias educacionais mais eficazes, políticas de comunicação e programas de envolvimento dos pais, visando superar os desafios identificados e melhorar a qualidade da educação oferecida às crianças com necessidades especiais.

Assim, o compromisso dos pais com a educação de seus filhos é uma pedra angular no processo de desenvolvimento e sucesso acadêmico das crianças. Quando os pais se envolvem ativamente na educação de seus filhos, eles demonstram um apoio inestimável, que vai além das paredes da escola. Esse comprometimento envolve estar atento às necessidades educacionais das crianças, incentivando a aprendizagem em casa, participando de reuniões escolares e acompanhando o progresso acadêmico.

Quando os pais são parceiros ativos na educação de seus filhos, os resultados são notáveis, com melhor desempenho escolar, maior motivação e autoestima, além de uma base sólida para o sucesso futuro. Portanto, promover e fortalecer o compromisso dos pais com a educação de seus filhos é uma prioridade essencial para o sucesso educacional e o bem-estar das crianças.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo do artigo foi analisar o comprometimento dos pais e mães de alunos do Atendimento Educacional Especializado, com o trabalho desenvolvido nas Salas de Recursos Multifuncionais.

De forma resumida podemos analisar, através dos dados obtidos nas entrevistas, que a relação dos professores de AEE que atuam nas SRM com os familiares de seus alunos ainda apresenta alguns desafios que precisam ser enfrentados.

Ainda que uma parte considerável dos entrevistados classifique essa relação como satisfatória, ainda existem alguns entraves, principalmente em relação à falta de esclarecimento acerca do trabalho desenvolvido na Sala de Recursos Multifuncionais e o pouco comprometimento de alguns familiares com o desenvolvimento educacional de seus filhos.

Desse modo, espera-se que tais achados possam ajudar a superar as dificuldades encontradas e que mais estudos sobre esta temática possam ser produzidos, tanto em outras regiões do estado da Bahia, quanto em outras partes do Brasil.

#### 5 REFERÊNCIAS

AMORIM, Márcia Camila Souza de. Afetividade na educação infantil. **Interdisciplinar: Revista Eletrônica da Univar** (2012) n.º 7 p. 1 – 7.

ARAÚJO, C. M. DE; RAMOS, M. D. P.; SILVA, O. O. N. DA; SOUZA, E. C. DE. Condições de trabalho docente: uma análise sobre a remuneração salarial e satisfação com a carreira. **Cenas Educacionais**, v. 3, p. e9907, 2 nov. 2020.

CUNHA, E. **Autismo e inclusão: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família**. 3. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2011.

HOLLERWEGER, Silvana; CATARINA, Mirtes Bampi Santa. A importância da família na aprendizagem da criança especial. **Revista de Educação do Ideau**. Vol. 9, nº 19, janeiro – junho. 2014.

LIMA, Candice Marques de; CUPOLILLO, Mercedes Villa. A Teoria histórico-cultural e a dialética inclusão/exclusão nas instituições de ensino. **Linhas Críticas**, Brasília, v. 12, n. 23, p. 263-278, jul./dez. 2006.

LONDERO, Angélica Dotto et al. Adaptação parental ao filho com deficiência: revisão sistemática da literatura. **Interação em Psicologia**, Curitiba, v. 25, n. 2, aug. 2021.

MACEDO, Roberto Sidnei. **A Etnopesquisa crítica e multireferencial nas ciências humanas e na educação**. 2ª Ed. Salvador: Edufba, 2004.

OLIVEIRA JÚNIOR, I. B. de; FERREIRA, D. R.; COIMBRA, R. M. A relação família e escola na aprendizagem escolar: que escola, qual família? **Revista Educação, Cultura e Sociedade**, [S. l.], v. 6, n. 1, 2016.

PANIAGUA, P.; PALACIOS, J. Relações com as famílias In: PANIAGUA, P.; PALACIOS, J. (Orgs.). **Educação Infantil: resposta educativa à diversidade**. Porto Alegre: Artmed, 2007. p. 211-233.

RIBEIRO, Larissa Oliveira Mesquita. A inclusão do aluno com deficiência visual em contexto escolar: afeto e práticas pedagógicas. **Revista Educação, Artes e Inclusão**, v. 13, n. 1, 2017.

ROSA, Yasmin Isabelle Barreto, SANTOS, Rhayane Fernandes dos; PAES, Leticia Cristina; PADILHA, Karina Garcia, PACCO, Aline Ferreira Rodrigues. A percepção da família sobre a adolescência dos seus filhos com deficiência: socialização, educação e profissionalização. **Pesquisa e Prática em Educação Inclusiva**, [S.l.], v. 1, n. 1, p. 101-115, ago. 2018.

SILVA, Osni Oliveira Noberto da; MIRANDA, Theresinha Guimarães; BORDAS, Miguel Angel Garcia. Condições de trabalho docente no Brasil: ensaio sobre a desvalorização na educação básica. **Jornal de Políticas Educacionais**, [S.l.], v. 13, nov. 2019.

SILVA, Osni Oliveira Noberto da; RAMOS, Michael Daian Pacheco; MIRANDA, Theresinha Guimarães; BORDAS, Miguel Angel Garcia. Condições de trabalho docente: uma análise de revistas de educação da Bahia. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 12, n. 28, p. 233-248, 1 jan. 2019.

VIEIRA, Isadora de Oliveira Santos. **Abandono afetivo: formas de prevenção aos danos causados aos filhos pela omissão parental**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Viçosa. Viçosa, MG, 2020. 173 f.

---

i Sobre o autor:

**Osni Oliveira Noberto da Silva** (<https://orcid.org/0000-0001-5028-0889>)

Graduado em Licenciatura Plena em Educação Física pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) e em Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade Salvador (UNIFACS). Especialista em Educação Física Escolar (FINOM), Educação Especial (UEFS), Treinamento Desportivo (FINOM), Psicopedagogia Clínica e Institucional (IMES), Educação Digital (UNEB) e MBA em Gestão Educacional (UNIFACS). Mestre e Doutor em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). É professor do Departamento de Ciências Humanas do Campus IV da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), onde foi Coordenador do Colegiado do curso de Licenciatura em Educação Física, Coordenador da Especialização em Atividade Física para pessoas com deficiência, Coordenador do Núcleo de Pesquisa e Extensão (NUPE) e Membro do Conselho Departamental. Atualmente é Diretor do Departamento de Ciências Humanas, Campus IV e professor permanente do Mestrado Profissional em Educação e Diversidade. É Líder do Grupo de Estudos, Pesquisa e Extensão em Educação Especial e Educação Física Adaptada (GEPEFA) e pesquisador do Laboratório de Avaliação e Intervenção em Atividade Motora Adaptada (LAIAMA). É Editor-chefe da revista Diálogos e Diversidade (ISSN - 2764-0795).

#### Como citar este artigo:

SILVA, Osni Oliveira Noberto da. O comprometimento de pais e mães de alunos para o desenvolvimento do trabalho dos professores na sala de recursos multifuncionais. **Revista Educação, Cultura e Sociedade**. vol. 13, n. 2, p. 23-34, 28ª Edição, 2023. <https://periodicos.unemat.br/index.php/recs>

A **Revista Educação, Cultura e Sociedade** é uma publicação da Universidade do Estado de Mato Grosso, Brasil, iniciada em 2011

---

e avaliada pela CAPES.

**Indexadores:** DOAJ – REDIB – LATINDEX – LATINREV –  
DIADORIM –SUMARIOS.ORG – PERIÓDICOS CAPES –  
GOOGLE SCHOLAR